



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS CURSO DE
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA HELOIZA DA SILVA DANTAS

**UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS RELACIONADOS AOS DESAFIOS DOS
SUJEITOS LGBTQIAPN+ AO TENTAR INGRESSAR NO MERCADO DE
TRABALHO PROPAGADOS NO YOUTUBE**

**PATU-RN
2025**

MARIA HELOIZA DA SILVA DANTAS

**UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS RELACIONADOS AOS DESAFIOS DOS
SUJEITOS LGBTQIAPN+ AO TENTAR INGRESSAR NO MERCADO DE
TRABALHO PROPAGADOS NO YOU TUBE**

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, Campus Avançado de Patu- CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa.

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana
Fernandes Nery**

© Todos os direitos estão reservados à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e referenciados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

D192a Dantas, Heloiza

UMA ANÁLISE DISCURSIVA RELACIONADOS AOS DESAFIOS DOS SUJEITOS LGBTQIAPN+ AO TENTAR INGRESSAR NO MERCADO DE TRABALHO PROPAGADOS NO YOUTUBE. /Heloiza Dantas. - UERN Patu/RN, 2025. 18p.

Orientador(a): Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery.

Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. LGBTQIAPN+. 2. Discurso. 3. Mercado de trabalho. 4. Poder. 5. Exclusão. I. Nery, Luciana Fernandes. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

MARIA HELOIZA DA SILVA DANTAS

**UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS RELACIONADOS AOS DESAFIOS DOS
SUJEITOS LGBTQIAPN+ AO TENTAR INGRESSAR NO MERCADO DE
TRABALHO PROPAGADOS NO YOU TUBE**

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, Campus Avançado de Patu- CAP, Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa.

Aprovada em: ____/____/____.

Banca Examinadora



Prof^a. Dr^a. Luciana Fernandes Nery (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN



Prof^a Dr^a Aline Almeida Inhoti (Examinadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN



Prof^a Ma. Brenda de Freitas (Examinadora)
Universidade Federal Rural do Semi- árido - UFERSA

UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS RELACIONADOS AOS DESAFIOS DOS SUJEITOS LGBTQIAPN+ AO TENTAR INGRESSAR NO MERCADO DE TRABALHO PROPAGADOS NO YOU TUBE

Maria Heloisa da Silva Dantas¹
Luciana Fernandes Nery (Orientadora)²

RESUMO

O presente artigo analisa os discursos relacionados à inserção de sujeitos LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho, buscando investigar como tais discursos se constituem e quais efeitos de poder e exclusão produzem. Deste modo, elegemos como *corpus* a ser analisado o vídeo/live “Desafios da comunidade LGBTQIA+ no mercado de trabalho, produzido em 2020. A presente pesquisa apresenta uma metodologia qualitativa de caráter exploratório e bibliográfico, fundamentada nos estudos discursivos Foucaultianos (2008, 2010, 2014, 2015) buscando compreender de que forma o poder e discurso estão entrelaçados. Nos baseamos também em Quinalha (2023), Andrews (2024) e Gregolin (2003), que auxiliam na compreensão das resistências da comunidade LGBTQIAPN+. Diante da análise, foi constatado que os discursos produzem práticas discriminatórias, fazendo com que muitos sujeitos não consigam entrar para o mercado de trabalho. Porém, também foi identificado contradiscursos e estratégias de resistência que fortalecem a visibilidade e ampliam a luta por inclusão.

Palavras-chave: Discursos; LGBTQIAPN+; Mercado de trabalho; Poder; Exclusão.

ABSTRACT

The present paper analyzes discourses related to the inclusion of LGBTQIAPN+ individuals in the labor market, in order to investigate how such discourses are constituted and what effects of power and exclusion they produce. Thus, we chose, as *corpus* to be analyzed, the video/live: “Challenges of the LGBTQIA+ community in the labor market”, produced in 2020. This research presents a qualitative methodology with exploratory and bibliographical nature, based on the studies of Foucault (2008, 2010, 2014, 2015), seeking to understand how power and discourse are intertwined. We also based on the studies of Quinalha (2023), Andrews (2024), and Gregolin (2003), which help in understanding the resistances of the LGBTQIAPN+ community. The analysis revealed that discourses produce

¹ Graduada de Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Patu-CAP. E-mail: mariaheloiza@alu.uern

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do curso de Letras- Língua Portuguesa do Campus Avançado de Patu da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: lucianafernandes@uern.br

discriminatory practices, preventing many individuals from entering the labor market. However, counter-discourses and resistance strategies that strengthen the visibility and broaden the fight for inclusion were also identified.

Keywords: Discourses; LGBTQIAPN+; Labor market; Power; Exclusion.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, os sujeitos LGBTQIAPN+¹ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, Panssexuais, Não-binários e outras possibilidades) vêm lutando por seus direitos na sociedade, reclamando por voz e respeito, tendo em vista que nem sempre possuíam espaço para falar abertamente sobre as dificuldades que envolvem a orientação sexual e uma identidade de gênero diferente do padrão heteronormativo. Segundo Quinalha (2023), na idade média, os sujeitos homossexuais eram vistos como doentes, anormais e até mesmo sem muita utilidade. Essa percepção e tratamento foram influenciados pela moralidade religiosa e pelas normas sociais vigentes. Nesse contexto, o Cristianismo teve grande influência ao rotular a homossexualidade como um pecado e uma ameaça à ordem social e moral estabelecida. Diante disso, os sujeitos homossexuais eram, frequentemente, estigmatizados e considerados incapazes de participar de algumas atividades do meio social.

Os estereótipos negativos não apenas marginalizavam esses sujeitos, mas também justificavam a aplicação de punições severas como os espancamentos, as prisões, a tortura e a execução. Desta forma, os discursos promovidos pela igreja sobre a homossexualidade não apenas refletiram numa visão moral particular, mas também legitimavam a perseguição e a violência contra sujeitos que tinha uma orientação sexual e uma identidade de gênero diferente. Foucault (2002) afirma que os discursos não são apenas expressões de ideias ou informações, mas são instrumentos de poder, que influenciam e regulam as práticas sociais, políticas e morais. Portanto, a construção social de normas sobre sexualidade, historicamente, atuou como mecanismo de regulação, estabelecendo padrões que definem comportamentos considerados aceitáveis ou desviantes. Nesse sentido, o discurso atua como uma prática regulatória, capaz de estabelecer o que é considerado normal ou desviante e de sustentar mecanismos de inclusão ou marginalização de determinados grupos.

Diante disso, percebe-se que, comumente, o preconceito e a discriminação estiveram presentes na vida de sujeitos que tem uma sexualidade diferente dos padrões que a sociedade impõe, principalmente, quando se fala em mercado de trabalho. A dificuldade que os sujeitos LGBTQIAPN+ sofrem ao tentaringressar nesse meio faz com que muitos omitam sua orientação sexual, com receio de enfrentar um tratamento desigual.

Nesse sentido, o objetivo geral deste artigo é investigar os discursos relacionados às dificuldades enfrentadas pelos sujeitos LGBTQIAPN+ ao tentar ingressar no mercado de trabalho, apresentados no vídeo do *YouTube*: “Desafios da

¹ No último dia 20 de outubro de 2025, entrou em pauta nas mídias sociais, que, uma organização denominada como LGB International, representada no Brasil pela Aliança LGBT, anunciou sua “independência”, porque segundo eles, o direito ao qual lutaram tanto estava sendo ameaçado por causa da identidade de gênero. Informações no link: <https://www.instagram.com/p/DQeaVCgkR4M/?igsh=cDd5aXd2bjNxczAy>

comunidade LGBTQIA+. Como objetivos específicos, temos: a) examinar as condições de emergência dos discursos relacionadas à inserção da comunidade LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho; b) analisar as relações de poder e as vontades de verdade no processo de regulação dos comportamentos dos sujeitos LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho; c) compreender de que forma o preconceito social se utiliza do poder disciplinar para inviabilizar a contratação de pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+.

A escolha pela presente temática se justifica pela relevância de compreender os efeitos da discriminação sobre os sujeitos LGBTQIAPN+, considerando o impacto negativo que pode causar no bem-estar emocional, na saúde mental e no desenvolvimento profissional desses sujeitos. Portanto, evidenciamos que este assunto precisa ser abordado, tendo em vista o aspecto cultural e social da história LGBTQIAPN+, as lutas, os medos e a não aceitação no mercado de trabalho. A presente pesquisa se situa numa perspectiva dos Estudos Discursivos Foucaultianos e apresenta uma metodologia qualitativa exploratória e bibliográfica. A análise se concentrará na intersecção entre o poder e o discurso. A escolha pela metodologia qualitativa permitirá explorar como os discursos, incluindo aqueles disseminados através de mídias digitais como no vídeo "Desafios da comunidade LGBTQIA+ no mercado de trabalho", regulam as normas e práticas que limitam ou permitem a inclusão dos indivíduos LGBTQIAPN+ no ambiente profissional.

Para fundamentar teoricamente a pesquisa, utilizamos os trabalhos de Foucault (2008, 2010, 2014, 2015), Quinalha (2023), Andrews (2024), Gregolin (2003) entre outros teóricos que exploram como as relações de poder se manifestam através do controle dos discursos e da regulação dos sujeitos.

O *corpus* da pesquisa é constituído por enunciados apresentados no vídeo "Desafios da comunidade LGBTQIA+", disponível no canal CIEE ² (Centro de Integração Empresa-Escola), fundado em 1964, que desempenha um papel importante, ajudando jovens estudantes a ter contato com o mercado de trabalho, oferecendo programas de estágio, aprendizagem e capacitação profissional. Dessa forma, além da empresa, o CIEE também conta com um canal no YouTube, onde divulga vídeos e *lives* de entrevistas sobre o desenvolvimento profissional, o processo seletivo e a inclusão social. Entre os vários conteúdos disponibilizados, temos o vídeo (Desafios da comunidade LGBTQIA+ no mercado de trabalho), uma *live* que foi publicada em 2020, com 40 minutos e 19 segundos de duração, apresentada por Rafael Fernandes, assistente social, e mediada por Fernanda Picinin, assistente social e professora da UNISA (Universidade Santo Amaro). O vídeo apresenta relatos de sujeitos que integram a comunidade LGBTQIAPN+ e suas vivências no contexto profissional, expondo os desafios enfrentados, as estratégias de resistência e os efeitos da exclusão.

Desta forma, o presente artigo divide-se em quatro seções. A primeira é dedicada às considerações iniciais da pesquisa. A segunda, intitulada como "*Discurso, poder e visibilidade da comunidade LGBTQIAPN+*", aborda sob uma perspectiva foucaultiana como os discursos sociais, históricos e midiáticos estruturam a forma como a comunidade LGBTQIAPN+ é apresentada pela sociedade. Dessa forma, será apresentada a contextualização histórica e social da comunidade LGBTQIAPN+ tanto no meio social, como no mercado de trabalho, destacando os discursos normativos que sustentam práticas de exclusão e marginalização. Na terceira seção, com o título "*Os discursos da comunidade LGBTQIAPN+ relacionados à inserção no mercado de*

² <http://portal.ciee.org.br/>

trabalho”, é apresentada a análise discursiva do vídeo “Desafios da comunidade LGBTQIA+ no mercado de trabalho”. Essa seção tem como objetivo investigar como os discursos do vídeo refletem nas relações de poder e exclusão de sujeitos LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho. Também será abordado quais vozes são ouvidas e quais silenciadas, abordando como o mercado de trabalho inclui barreiras e preconceitos que inviabilizam os sujeitos LGBTQIAPN+ na luta por aceitação. A análise permitiu compreender como o poder circula nos discursos, revelando como é complexa a relação entre a identidade, a visibilidade e o mercado de trabalho. Desse modo, os resultados encontrados evidenciam tanto a permanência de estigmas e barreiras estruturais quanto a emergência de contradiscursos e estratégias de resistência dos indivíduos LGBTQIAPN+. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências.

2 DISCURSO, PODER E VISIBILIDADE DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+

Nesta seção será abordado como o discurso, o poder e a visibilidade da comunidade LGBTQIAPN+ está entrelaçado na sociedade, articulando três eixos principais que se complementam. Primeiramente, apresentamos o conceito de poder, verdade e exclusão, evidenciando como os discursos são regulados por normas sociais e instituições que determinam o que pode ser dito, por quem e em quais contextos. Também será discutida a trajetória histórica do movimento LGBTQIAPN+ ao longo do século XX, suas lutas por reconhecimento e conquistas. Por fim, iremos abordar a importância dos discursos midiáticos para a construção da visibilidade LGBTQIAPN+.

2.1 Poder, verdade e exclusão: uma análise do discurso com Foucault

A análise do discurso sob uma perspectiva foucaultiana revela que o discurso não é um conjunto de palavras, mas uma prática de construções complexas que refletem relações de poder em uma sociedade. Foucault (2014, p.8) afirma que: “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”. Isso acontece porque o discurso pode construir verdades e influenciar os sujeitos, desafiando a ordem social. Assim, as construções discursivas não apenas refletem as relações de poder existentes na sociedade, mas também as reforçam ao legitimar certas formas de conhecimento e marginalizar outras.

Foucault (2014) apresenta os procedimentos pelos quais os discursos são construídos e disseminados. Essa perspectiva evidencia como a linguagem e os saberes são instrumentos centrais na construção social. Portanto,

:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. (Foucault, 2014, p.9)

Ao discutir a interdição na sociedade, o referido autor destaca como as normas sociais atuam como barreiras significativas à liberdade de expressão. O autor argumenta que não existe um ambiente onde todos os temas podem ser discutidos sem restrições, ao contrário, certos assuntos são considerados tabus ou sensíveis, o

que implica que são proibidos de serem abordados abertamente. Foucault (2014) enfatiza que essas interdições no discurso não apenas dizem o que é permitido e proibido, mas regulam quem pode falar e em quais condições e contexto, transformando assim o discurso como um instrumento de disputa e poder, que propaga determinadas vontades de verdade. Nesse sentido, o autor destaca que:

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (Foucault, 2014, p.17).

De acordo com o referido autor, a vontade de verdade não é apenas uma busca imparcial pelo conhecimento, mas algo formado por práticas sociais e instituições que determinam o que pode ser considerado verdadeiro ou falso em uma determinada época. Dessa forma, Foucault (2014) explica que as vontades de verdade são uma força histórica e social que transpõe os discursos. Não se trata de um desejo individual, mas um mecanismo de poder que exclui, seleciona e controla os discursos. “Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos (...) uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (Foucault, 2014, p.18). Esse sistema de instituições e normas sociais que regulam a produção e circulação dos discursos em uma sociedade impõe limites ao que é aceito, revelando que o que tomamos como verdade está profundamente enraizado em contextos históricos e associado a forças sociais e institucionais. Então, é necessário analisar as condições de emergência dos discursos, as regras que os governam e as formas como a sociedade se estrutura em diferentes épocas históricas.

Desta forma, analisar o movimento LGBTQIAPN+ no século XX permitirá identificar como as lutas e conquistas se deram na busca por visibilidade e legitimação, desafiando normas e discursos dominantes.

2.2 O movimento LGBTQIAPN+: lutas e conquistas no século XX

O movimento LGBTQIAPN+ representa uma significativa mobilização e luta por direitos civis, visibilidade e reconhecimento de suas orientação sexual e identidade de gênero, desde suas primeiras manifestações públicas, como a Revolta de *Stonewall*³ em 1969, até os avanços legislativos e culturais alcançados ao longo do século XX. Este movimento desafiou normas sociais e institucionais, reivindicando igualdade e dignidade para os sujeitos que, historicamente, enfrentaram discriminação e marginalização.

A visibilidade crescente do movimento LGBTQIAPN+ na mídia e na cultura popular ajudou a aumentar a aceitação e a compreensão das diversas orientações sexuais

³ De acordo com Quinalha (2023, p.77), a revolta de Stonewall ocorreu na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, em 28 de junho de 1969. O episódio teve início quando a polícia realizou mais uma batida violenta no bar Stonewall Inn, localizado no bairro de Greenwich Village, frequentado majoritariamente por pessoas LGBTQIA+. Cansados da repressão constante, da criminalização de suas existências e da violência institucional, os frequentadores decidiram resistir, dando início a uma série de protestos que duraram vários dias.

que envolvem este grupo. Apesar dos desafios persistentes, o século XX testemunhou uma transformação significativa na percepção e nos direitos desses sujeitos, transformando significativamente a sociedade no mundo todo. Diante desse cenário:

Ao mesmo tempo em que se sofisticava a compreensão da homossexualidade a partir de uma investigação com pretensão científica, esvaziava-se progressivamente a legitimidade de outros discursos. Ainda que não estejam superados até hoje, religião, direito, criminologia, jornalismo vão recebendo o lugar de maior prestígio social e a patologização da homossexualidade. Mas essa patologização tem efeito colateral importante: se parte hegemônica do campo médico vai reforçar o estigma que já assolava o desejo homoerótico por outras vias, emergirá a partir então uma sexologia que vai se valer do mesmo apelo da crença na ciência para defender a naturalidade dessa identidade recém-criada (Quinalha, 2023, p.46).

Ao longo do século XX, a homossexualidade continuou sendo vista através de lentes moralizantes e religiosas, sendo considerada um desvio ou até uma doença mental. No entanto, com o avanço da investigação científica, especialmente no campo da Psicologia e da Medicina, começaram a surgir estudos mais objetivos e empíricos sobre o tema, porém antes de ter tal avanço, sujeitos LGBTQIAPN+ eram tratados como anormais, aberração. Segundo Quinalha (2023), essa abordagem científica, embora tenha ajudado a desmistificar muitos preconceitos, também acabou por consolidar um certo tipo de estigmatização ao enquadrar a homossexualidade como um fenômeno patológico. Isso foi particularmente influente no contexto médico, em que a homossexualidade foi diagnosticada como uma condição psiquiátrica por um período significativo de tempo. Sobre essa questão, é importante destacar que:

Existe, talvez, uma outra razão que torna para nós tão gratificante formular em termos de repressão as relações do sexo e do poder: é o que se poderia chamar o benefício do locutor. Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura. (Foucault, 2015, p.11)

A repressão sexual não se limita apenas à proibição explícita de certos comportamentos ou à imposição de normas morais, se manifesta também através de mecanismos sutis de controle que formam nossas subjetividades e estruturam as relações de poder. Foucault (2015) nos lembra que o simples ato de falar sobre sexo, especialmente de maneira crítica ou subversiva, pode ser um ato de resistência poderoso. Ao desafiar abertamente os tabus e normas sexuais impostas, nós nos colocamos fora do controle das estruturas dominantes de poder.

A sociedade ocidental moderna sempre reprimiu a sexualidade, expondo uma explosão de discursos e práticas que intensificaram a análise, o controle e a regulação da sexualidade. Foucault (1999) contraria a ideia de um silêncio opressor e considera que a sexualidade se tornou um objeto de profunda investigação e normatização, influenciando a forma como sujeitos entendem e vivenciam sua própria sexualidade. Diante disso, os discursos midiáticos desempenham um papel crucial na visibilidade LGBTQIAPN+ e na construção de como esses sujeitos são vistos na sociedade.

2.3 Discursos midiáticos e a construção da visibilidade LGBTQIAPN+

Ao longo do século XX, e especialmente no século XXI, os meios de comunicação têm sido tanto uma plataforma de visibilidade quanto um campo de batalha por direitos e representação justa. “Daí a hipocrisia com que, ao se falar da homossexualidade, comentava-se o ‘fim dos modismos’ — como se as práticas sexuais não institucionalizadas se limitassem a mero modismo” (Trevisan, 2018, p.24). Nesse cenário, a mídia, frequentemente, retrata os sujeitos LGBTQIAPN+ de maneira estereotipada, negativa ou sensacionalista, perpetuando preconceitos e reforçando normas sociais dominantes. No entanto, o movimento pelos direitos LGBTQIAPN+ ganhou força e houve uma evolução significativa na forma como a mídia aborda as questões relacionadas a esse movimento. Diante disso, muitos meios de comunicação começaram a adotar uma postura mais inclusiva e responsável, oferecendo espaço para os sujeitos se expressarem de forma autêntica e representativa.

Os discursos midiáticos, portanto, não apenas refletem a mudança social em relação à diversidade sexual e de gênero, mas também contribuem para a promoção da aceitação e da igualdade. Diante disso, comungamos com a ideia de que:

Os discursos veiculados pela mídia, baseados em técnicas como a confissão (reportagens, entrevistas, depoimentos, cartas, relatórios, descrições pedagógicas, pesquisas de mercado), operam um jogo no qual se constituem identidades baseadas na regulamentação de saberes sobre o uso que as pessoas devem fazer de seu corpo, de sua alma, de sua vida (Gregolin, 2007, p.18).

A referida autora destaca que os discursos midiáticos utilizam estratégias como a confissão não apenas para informar, mas também para construir e regular sujeitos. Nesse sentido, a mídia compartilha experiências íntimas, informações da vida, produz uma percepção pública sobre como as pessoas devem usar seus corpos, expressar suas emoções e conduzir suas vidas. Estes discursos não são apenas canais de comunicação, mas poderosos agentes que influenciam as normas sociais.

Diante disso, os discursos midiáticos mostram conteúdos e perspectivas que podem ser acessadas, compartilhadas e debatidas globalmente. Dessa forma, a comunidade LGBTQIAPN+ faz uso desse meio de comunicação para expor fatos e mostrar suas lutas. Nesse sentido, a plataforma do *YouTube* não apenas reflete as tendências culturais e sociais, mas também proporciona um espaço para a expressão de vozes diversas e, frequentemente, desafiadoras às normas estabelecidas. Portanto, analisar os discursos midiáticos é fundamental para articular as diferentes esferas sociais, como o mercado de trabalho, onde ocorre uma grande disputa da comunidade LGBTQIAPN+ por reconhecimento e espaço.

3 OS DISCURSOS DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ RELACIONADOS À INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Na seção anterior foi visto como o discurso e o poder podem legitimar determinadas verdades na sociedade, mostrando como as barreiras sociais atuam de forma significativa para que sujeitos LGBTQIAPN+ tenham mais visibilidade. Diante dessa perspectiva, iremos: a) examinar as condições de emergência dos discursos relacionadas à inserção da comunidade LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho; b) analisar as relações de poder e as vontades de verdade no processo de regulação dos comportamentos dos sujeitos LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho; c)

compreender de que forma o preconceito social se utiliza do poder disciplinar para inviabilizar a contratação de pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+.

3.1 As condições de emergência dos discursos da comunidade LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho

Analisar as condições de emergência dos discursos implica em considerar um conjunto de fatores históricos, sociais e políticos que tornam possível compreender a busca incessante que sujeitos LGBTQIAPN+ apresentam ao tentar ingressar no mercado de trabalho, mostrando de que forma estes sujeitos são aceitos ou não no meio trabalhista. Foucault (2015, p.13) ressalta que “dizer que entre o sexo e o poder a relação não é de repressão, corre o risco de ser apenas um paradoxo (...) Seria ir de encontro a toda a economia, a todos os “interesses” discursivos que a sustentam”. Evidencia-se que o sexo e poder estão interligados. O poder em si não serve só para estabelecer normas, mas também para produzir discursos que determinam como os sujeitos são reconhecidos ou marginalizados. No contexto social, tais discursos definem quem é excluído ou não.

Destacamos que no vídeo “Desafios da comunidade LGBTQIA+ no mercado de trabalho”, o assistente social Rafael Fernandes é convidado para a palestra por Dirce Batista, responsável pelas relações públicas do canal do *Youtube* (CIEE), tendo como mediadora Fernanda Picinin, assistente social e professora da UNISA. Nesse vídeo/live⁴, Rafael Fernandes apresenta as dificuldades encontradas pela comunidade para enfrentar os desafios do mercado de trabalho, conforme pode-se observar no enunciado a seguir:

Hoje a gente sabe que a gente tá num índice muito grande de desemprego e a dificuldade para que essas pessoas acessem o mercado de trabalho hoje em dia se torna ainda um dificultador, seja pela questão do preconceito, que é muito grande, seja pela questão da exclusão que **muitas vezes são pessoas que não conseguem nem passar para as segundas fases de processos de trabalho porque é barrado por uma questão estética** ou seja, pela própria violação de direitos, que geralmente são pessoas que não conseguem acessar o mercado de trabalho e acaba sendo privado desse direito de trabalhar (Fernandes, 2020, grifos nossos).

O enunciado “*Hoje a gente sabe que a gente tá num índice muito grande de desemprego e a dificuldade para que essas pessoas acessem o mercado de trabalho*” evidencia as barreiras estruturais e sociais enfrentadas por sujeitos LGBTQIAPN+ no acesso ao mercado de trabalho, mostrando que além do alto índice de desemprego existente no país, há um agravante relacionado ao preconceito e à exclusão social, que se manifestam desde os processos seletivos até a permanência no emprego. Sendo assim, o enunciado: “*muitas vezes são pessoas que não conseguem nem passar para as segundas fases de processos de trabalho porque é barrado por uma questão estética*” reforça que sujeitos são impedidos de avançar em processos seletivos por motivos estéticos ou pela própria violação de direitos. Essa situação evidencia como o discurso social normativo continua operando na construção de sujeitos que são vistos como “fora do padrão” na sociedade.

Quinalha (2023, p.21) enfatiza que “não há como idealizar uma total desconexão do sistema sexo-gênero, mas a verdade é que, como resultado das pressões por marginalização, a subcultura LGBTI+ acaba se erigindo como

⁴ <https://www.youtube.com/live/45JSzdSMbsU>

contraponto às referências mais tradicionais da cultura heterocissexista”. Falar que não tem como ter uma desconexão do sistema sexo-gênero, mostra que os sujeitos são atravessados por um sistema em que a sociedade coloca como aceitáveis e não aceitáveis, mostrando que os discursos e as estratégias de resistência não apenas forma uma estrutura de poder, mas atua questionando as verdades impostas em termos de gênero e sexualidade. Diante disso, vejamos o enunciado a seguir:

Nós temos também hoje um dificultador que são pessoas que muitas vezes se escondem para não poder aparentar quem são, com receio de não passar em processo seletivo. Então, por exemplo, a gente pode pegar cada sigla e pensar em especificidades. (Fernandes, 2020, grifos nossos)

O enunciado: *“Nós temos também hoje um dificultador que são pessoas que muitas vezes se escondem para não poder aparentar quem são, com receio de não passar em processo seletivo”* evidencia que muitos sujeitos se escondem por medo de não serem aceitos. Isso ocorre, comumente, porque os sujeitos LGBTQIAPN+ se sentem inseguros para conseguir uma vaga de emprego e quando são contratados se silenciam para não mostrar a sua orientação sexual, (como se relaciona amorosamente) e a identidade de gênero (como se veem na sociedade).

O enunciado em análise revela que mesmo em um contexto social que defende a diversidade ainda existem barreiras estruturais e simbólicas que obrigam os sujeitos silenciar a si mesmos, para garantir oportunidades de trabalho. Desse modo, entende-se que o medo e a vigilância estão ligadas às vontades de verdade, que permitem analisar como o poder e o saber se articulam para legitimar determinadas formas de existência e silenciar outras. Quinalha (2023, p.34), evidencia que “nem sempre a injúria precisa ser proferida e realizada, mas ela sempre está ali presente”. Portanto, o preconceito está enraizado, não só no falar, mas também nos olhares, nas atitudes e nos estereótipos que são produzidos a partir de determinados sujeitos, conforme é apresentado no enunciado a seguir:

Então por exemplo se espera que o homem socialmente, eu sempre vou colocar aspas porque sempre se espera algo da gente socialmente, **então se espera que esse homem seja forte que esse homem trabalhe carregando peso, então muitas vezes nem todos os homens se encaixam dentro desse padrão**, então muitas vezes eles não conseguem inserção no mercado de trabalho. (Fernandes, 2020, grifos nossos)

O enunciado: *“Então se espera que esse homem seja forte que esse homem trabalhe carregando peso, então muitas vezes nem todos os homens se encaixam dentro desse padrão”* revela que, socialmente espera-se que o homem seja forte, rígido e resistente, tendo que desempenhar trabalhos que envolvem o porte físico. Desse modo, muitas vezes, sujeitos que se apresentam de maneira diferente desse padrão imposto pela sociedade não são selecionados para o mercado de trabalho. Nesse sentido, essa imposição de um padrão específico de masculinidade limita a expressão individual dos sujeitos LGBTQIAPN+, como também interfere diretamente em suas trajetórias profissionais, pois para conseguir o emprego precisam se adequar ao perfil que é exigido.

Segundo Foucault (2014, p.9), “por mais que o discurso aparentemente seja bem pouca coisa, as interdições que atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder”. Ao afirmar que discurso está ligado ao poder e desejo, o autor mostra que tais restrições funcionam como mecanismo de controle social.

Trazendo isso para o contexto do mercado de trabalho significa que normas discursivas regulam quais expressões de gênero são aceitas, fazendo com que sujeitos LGBTQIAPN+ se escondam para seguir as normas vigentes. Diante disso, analisamos a seguir como as relações de poder e as vontades de verdade entrelaçam os discursos produzidos sobre os sujeitos LGBTQIAPN+.

3.2 Relações de poder, vontades de verdade e a regulação dos sujeitos LGBTQIAPN+

Ao analisar as formas de exclusão e silenciamento vivenciadas por sujeitos LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho, torna-se essencial compreender como as relações de poder e as vontades de verdade nos discursos são exercidas nas realidades do mercado de trabalho. Foucault (2014) destaca que as relações de poder e as vontades de verdade são o resultado de construções históricas. No âmbito do mercado de trabalho, essa dinâmica manifesta-se nos discursos que naturalizam comportamentos, modos de vestir e formas de expressão os quais se apresentam como critérios de profissionalismo e operam como instrumentos de exclusão. Vejamos o enunciado a seguir:

Então, se a gente pega a letra L, que são as mulheres lésbicas, a gente sabe que nem toda mulher performa um padrão de feminilidade dentro da sociedade. Então, se a gente pega mulheres que, muitas vezes, são mais masculinizadas, são mulheres que, dependendo do cargo que elas estão pleiteando, elas não conseguem acesso a esse processo seletivo porque não performam a feminilidade que se espera socialmente delas (Fernandes, 2020, grifos nossos).]

O enunciado: “*Então, se a gente pega a letra L, que são as mulheres lésbicas, a gente sabe que nem toda mulher performa um padrão de feminilidade dentro da sociedade*” evidencia como os padrões normativos de gênero exercem controle sobre a forma como os sujeitos são percebidos e avaliados no mercado de trabalho, pois, apontar que as mulheres lésbicas que não performam a feminilidade esperada socialmente reforça as formas de exclusão sustentadas por discursos hegemônicos sobre o que é ser mulher. Essa imposição de uma imagem feminina ideal é um exemplo de como as relações de poder operam, definindo quais corpos são considerados aptos para determinados espaços. Assim, pode-se compreender que tais normas são sustentadas por vontades de verdade que são legitimadas socialmente e passam a ditar comportamentos aceitos ou rejeitados. Portanto, as mulheres que não se apresentam com características “tipicamente” femininas: vestido, cabelo longo, maquiadas, delicadas, acabam sendo vistas como desviantes, demonstrando que o mercado de trabalho produz e vigia as normas de gênero.

Nesse sentido, Quinalha (2023, p.39) afirma que “para pessoas LGBTI+, contudo, esse processo de revelar-se é recorrente e se renova a cada ambiente e grupo social com que se interage.” O autor destaca que o sujeito que foge das normas de gênero e sexualidade, frequentemente, valorizadas socialmente, precisa passar por esse processo de exposição, gerando medo, insegurança e risco de sofrer preconceito.

Conforme o vídeo/live vai chegando ao fim, a mediadora Fernanda Picinin começa a apresentar as perguntas enviadas pelo público que estava assistindo. A primeira pergunta foi feita por Talha Santos, como se pode observar no enunciado a seguir:

E eu vou fazer a primeira pergunta, que é a pergunta da Talha Santos - Salvador. “Bom dia, tenho uma dúvida, **a empresa pode obrigar uma pessoa lgbt que está em sua transição de homem pra mulher a se vestir como homem?** (Picinin, 2020, grifos nossos)

O enunciado: “*A empresa pode obrigar uma pessoa LGBT que está em transição de homem para mulher a se vestir como homem?*” demonstra a preocupação em receber uma ordem para se vestir de determinada maneira, com a qual o sujeito não se identifica. Quando se exige que os sujeitos devem se adequar fisicamente para se enquadrar de acordo com a profissão exercida é ultrapassado o limite do respeito. De acordo com Foucault (2015, p.98), “entramos, já a séculos, num tipo de sociedade em que o jurídico pode codificar cada vez menos o poder, ou servir-lhe de sistema de representação”, demonstrando que o poder se exerce de modo produtivo, atravessando o que se pode ser falado sobre determinado sujeito, no contexto do mercado de trabalho para sujeitos LGBTQIAPN+. Esses discursos normativos de gênero e sexualidade funcionam como dispositivos de poder que regulam os comportamentos e atuam nas condições de reconhecimento e silenciamento dos sujeitos. Sendo assim, vejamos o enunciado a seguir:

[...] É, Talha, **essa pergunta é muito importante porque a empresa, na verdade, ela não pode obrigar a pessoa a ser quem ela não é**, assim, né. Quando eu tava falando essa questão de por exemplo, muitas vezes, as pessoas não se adequam a uma norma de gênero, a um perfil de masculino e feminino, tem sido um desafio muito grande para as pessoas se adequarem em determinadas vagas. Então, a empresa ela não tem essa obrigatoriedade de exigir que a pessoa seja quem ela não é, e eu não sei se é uma situação que você conhece ou de alguém que você conhece, **que nesse caso existe hoje justamente uma legislação que é pró-lgbt para assegurar que sofre algum tipo, porque isso é um preconceito, na verdade**. Independente do cargo que a pessoa tá exercendo, a empresa, ela não pode, em qualquer situação, falar pra pessoa ser uma coisa que ela não está comportando ali naquele momento. **Então você pode tá procurando espaços também, porque isso é importante também tá junto né, procurar espaços para expor isso, e também ter meio, dependendo da situação, de denunciar**. É uma linha muito tênue, porque muitas vezes a gente tem medo de perder o emprego. **A gente fala assim “Ah, eu não quero bater de frente porque eu também preciso do emprego”, mas aí você vai ficar em um emprego também que anula as vezes**. É muito complicado, mas hoje a empresa, ela não pode assim, te exigir uma performance. (Fernandes, 2020, grifos nossos)

No enunciado: “*essa pergunta é muito importante porque a empresa, na verdade, ela não pode obrigar a pessoa a ser quem ela não é*” pode-se constatar que a ideia de que a empresa não pode impor ao sujeito como ele deve se vestir, contrapondo-se à sua identidade de gênero. Porém, na prática, muitas empresas ainda não aceitam colaboradores trans, criando barreiras para contratação e a permanência desses profissionais no mercado de trabalho. Nesse sentido, apesar da existência de direitos legais, os preconceitos institucionais continuam a prejudicar a inserção de sujeitos LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho, reproduzindo mecanismos de exclusão baseados em normas de gênero. Conforme destaca Quinalha (2023, p. 26), “para pessoas trans, a corporeidade manifesta em associação à performance de gênero conforma identidades mais difíceis de ocultar ou encobrir”. A identidade das pessoas trans se torna mais exposta socialmente, uma vez que a expressão corporal e a performance de gênero dificultam qualquer possibilidade de

ocultação, tornando esses sujeitos mais vulneráveis à vigilância e às violências normativas.

Observando o enunciado: *“que nesse caso existe hoje justamente uma legislação que é pró-lgbt para assegurar que sofre algum tipo, porque isso é um preconceito, na verdade”*, percebe-se o reconhecimento de que práticas discriminatórias configuram preconceito e demandam amparo jurídico. Embora tais legislações representem avanços importantes, sua efetividade ainda esbarra em desigualdades estruturais e na manutenção de culturas organizacionais, o que evidencia a distância entre a garantia legal no cotidiano do trabalho.

O enunciado: *“Então você pode tá procurando espaços também, porque isso é importante também tá junto né, procurar espaços para expor isso, e também ter meio, dependendo da situação, de denunciar”* mostra a necessidade de criar ambientes de acolhimento onde sujeitos LGBTQIAPN+ possam compartilhar suas experiências, fortalecer suas redes de apoio e reivindicar seus direitos. A menção à denúncia aponta para a importância de recorrer a meios institucionais e legais como forma de enfrentamento às práticas discriminatórias, revelando que o discurso não apenas nomeia a violência, mas também convoca à ação.

No enunciado: *“A gente fala assim “Ah, eu não quero bater de frente porque eu também preciso do emprego”, mas aí você vai ficar em um emprego também que anula as vezes”* demonstra o processo de silenciamento ao qual trabalhadores LGBTQIAPN+ são frequentemente submetidos para garantir sua permanência no mercado de trabalho. Nessas circunstâncias, o medo de denunciar ou enfrentar práticas discriminatórias revela como o poder atua de maneira contínua e disciplinadora.

Diante dos contextos do ambiente de trabalho e das relações dos sujeitos para serem inseridos em empregos fixos que priorizem o respeito pela diversidade, é importante observar o preconceito encontrado nas camadas sociais e como o poder disciplinar é exercido nesses cenários.

3.3 O preconceito social e o poder disciplinar contra os sujeitos LGBTQIAPN+

O preconceito social contra sujeitos LGBTQIAPN+ não se limita a manifestações explícitas de rejeição ou violência, se inscreve em práticas cotidianas que operam como formas de poder disciplinar. Ao longo da história, sujeitos que pertencem à comunidade LGBTQIAPN+ sofrem com a opressão, a marginalização e a falta de oportunidades. Na idade média, esses sujeitos eram mortos, espancados e marginalizados por não estar no padrão imposto pela sociedade. Foucault (2010, p.175) aponta que esse “poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe”. Ao afirmar isso, o referido autor mostra a concepção tradicional que associa o poder à repressão direta, porém essa formulação é justamente para problematizar que o poder moderno não se limita a proibir ou censurar, mas atua de forma produtiva, exercendo o poder para definir os comportamentos, os saberes e as subjetividades. Essa lógica disciplinar se manifesta de forma ainda mais intensa quando se trata da população trans e travesti, historicamente marginalizada e excluída dos espaços formais de trabalho. Vejamos o enunciado a seguir:

Então geralmente a pessoa sabe que pra pessoas trans, principalmente para as mulheres trans e travestis, a única coisa que espera socialmente delas é a prostituição como única possibilidade. Então tem sido um desafio muito grande fazer com que a população trans acesse o mercado de trabalho do jeito que elas e eles são (Fernandes, 2020, grifos nossos).

O enunciado: *“Então geralmente a pessoa sabe que pra pessoas trans, principalmente para as mulheres trans e travestis, a única coisa que espera socialmente delas é a prostituição como única possibilidade”* apresenta a força e a intersecção entre o preconceito social e o poder disciplinar. Ao afirmar que a prostituição é vista como *“única possibilidade”* para mulheres trans e travestis, Fernandes (2020) mostra como o imaginário social constrói expectativas limitantes e estigmatizantes sobre essas identidades, evidenciando discursos que não apenas marginalizam, mas também normatizam o lugar social desses sujeitos, restringindo suas possibilidades de existência. Como mostra Quinalha (2023):

Chamados de anormais, pervertidos, doentes, criminosos, desviantes, bicha, “homens femininos demais” e “mulheres masculinas demais” foram identificados, classificados e catalogados pelos dispositivos de poder, desde formas mais sutis de disciplina, muitas delas pretensamente “científicas”, até os modos mais crus de violência.” (Quinalha, 2023, p.34)

Sujeitos trans foram historicamente classificados como “anormais” e tratadas como desvios a serem corrigidos pelos dispositivos de poder, o que legitimou práticas de estigmatização e violência, tortura, maus tratos, falta de respeito, mortes. Esses processos construíram padrões rígidos. Desse modo, o enunciado: *“tem sido um desafio muito grande fazer com que a população trans acesse o mercado de trabalho do jeito que elas e eles são”* destaca as dificuldades em fazer com que pessoas trans acessem o mercado de trabalho *“do jeito que elas e eles são”*, apontando para uma lógica disciplinar que exige conformidade, ou seja, que essas pessoas se adequem a padrões normativos para serem aceitas. Sob essa perspectiva, o mercado não apenas regula comportamentos, mas também impõe modelos de subjetividade. Como afirma Foucault (2015, p.101), “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo, mas porque provém de todos os lugares”, operando como um dispositivo de controle que ao impor uma adequação forçada mantém a marginalização e restringe a inclusão de sujeitos no mundo do trabalho. Desse modo, as relações de poder produzem lugares sociais, sustentando estruturas de exclusão que naturalizam a marginalização. Foucault (2010) evidencia que:

O poder é o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe. Quando o discurso contemporâneo define repetidamente o poder como sendo repressivo, isto não é uma novidade[...] Em todo caso, ser órgão de repressão é no vocabulário atual o qualificativo quase onírico do poder. Não será, então, que a análise do poder deveria ser essencialmente uma análise dos mecanismos de repressão? (Foucault, 2010, p.175)

O autor apresenta uma visão crítica da concepção tradicional de poder como força repressiva, ao destacar que o discurso contemporâneo insiste em associar o poder à repressão. Ao associar essa reflexão à forma como a sociedade historicamente tratou os sujeitos LGBTQIAPN+, é possível compreender que o poder se manifesta na produção de discursos que criminalizam e moralizam esses corpos, reforçando padrões de normalidade e exclusão. Assim, o poder não age apenas proibindo, mas construindo verdades sociais que definem o que é considerado aceitável ou desviante. Dessa forma, compreender o poder como algo produtivo permite revelar os mecanismos sutis pelos quais os sujeitos LGBTQIAPN+ foram historicamente silenciados e controlados. Conforme mostra o enunciado a seguir:

Então já não basta a questão da sexualidade né, ou da expressão dessa sexualidade, tem uma questão muitas vezes de classe, que **muitas vezes a gente não consegue acessar esses espaços porque nós estamos nos extremos né, nas bordas**. Então acaba sendo um dificultador ainda maior esse acesso dessas pessoas no mercado de trabalho, e tem uma, eu trouxe aqui algumas questões que eu acho que é interessante, como disparador também para reflexão, que hoje a gente sabe que já é uma dificuldade as pessoas acessarem o mercado de trabalho por ser quem são e quando acessam a gente sabe que o risco de violência também se torna muito grande né ou **muitas vezes a pessoa é xingada no ambiente de trabalho, ou ela é menosprezada, ou ela é violentada e também quando acesa esse ambiente de trabalho** (Fernandes, 2020, grifos nossos).

O enunciado: “*muitas vezes a gente não consegue acessar esses espaços porque nós estamos nos extremos né, nas bordas*” revela a marginalização estrutural vivenciada por sujeitos LGBTQIAPN+, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A metáfora das “bordas” remete a uma posição social e discursiva de exclusão, na qual o acesso a espaços institucionais como o mercado de trabalho é condicionado. Essa exclusão não é apenas fruto de decisões individuais ou institucionais isoladas, mas expressão de um poder que opera de forma capilar, regulando condutas e produzindo subjetividades aceitáveis.

O enunciado: “*muitas vezes a pessoa é xingada no ambiente de trabalho, ou ela é menosprezada, ou ela é violentada e também quando acesa esse ambiente de trabalho*” expõe a persistência da violência simbólica e material contra sujeitos LGBTQIAPN+ no meio laboral, evidenciando que mesmo após a inserção no mercado de trabalho esses sujeitos continuam sendo alvo de práticas discriminatórias que vão desde agressão verbal à formas sutis de exclusão. Essa dinâmica mostra que o ambiente de trabalho opera como um dispositivo disciplinar. Sob uma perspectiva foucaultiana, essas práticas não são desvios pontuais, mas efeitos de regimes de poder. Vejamos o enunciado a seguir:

Eu só queria colocar como disparador que **hoje a gente sabe que hoje a lgbt fobia, ela é um crime e que pode ser denunciado, principalmente no ambiente de trabalho, quando essas pessoas, elas não conseguem, enfim, exercer a sua liberdade** enquanto trabalhador dentro desse ambiente de trabalho (Fernandes, 2020, grifos nossos).

No enunciado: “*hoje a gente sabe que hoje a lgbt fobia, ela é um crime e que pode ser denunciado, principalmente no ambiente de trabalho, quando essas pessoas, elas não conseguem, enfim, exercer a sua liberdade*” pode-se observar que o acesso da população LGBTQIAPN+ ao mercado de trabalho continua atravessado por barreiras estruturais e simbólicas que vão além da empregabilidade, pois embora tenha os avanços legais, como o reconhecimento da LGBTfobia⁵ como crime, práticas discriminatórias persistem nos ambientes laborais de forma explícita ou disfarçada. Quinalha (2023,p.39) ressalta que “qualquer desvio em relação a esses princípios torna-se alvo de uma ação normalizante desse poder”. Nesse cenário, o espaço de trabalho se transforma em um campo de tensão constante, onde pessoas

⁵ Em 13 de junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF), a partir de uma decisão judicial, definiu que quem ofender ou discriminar gays, lésbicas, bissexuais ou transgêneros está sujeito a punição de um a três anos de prisão, prevista na Lei nº 7.716/89, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Assim como o crime de racismo, a LGBTfobia é crime inafiançável e imprescritível.

LGBTQIAPN+ precisam negociar sua existência e identidade diante de olhares normativos que as inferiorizam. Portanto, o ambiente de trabalho ainda impõe desafios à vivência plena da população LGBTQIAPN+ diante de normas que silenciam suas formas de existência e reforçam padrões excludentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo investigou os discursos relacionados aos desafios enfrentados por sujeitos LGBTQIAPN+ ao tentar ingressar no mercado de trabalho, a partir da análise do vídeo *“Desafios da comunidade LGBTQIA+ no mercado de trabalho”*. A pesquisa permitiu compreender como os discursos normativos operam na exclusão desses sujeitos, revelando práticas que vão desde a invisibilização até a exigência de adequação estética e comportamental. Os dados analisados possibilitaram compreender como os discursos sobre diversidade e inclusão estão atravessados por relações de poder, preconceito e resistência.

Ao examinar as condições de emergência dos discursos, observou-se que não surgem isoladamente, mas são atravessados por contextos históricos, sociais e políticos que moldam a existência e reconhecimento de sujeitos LGBTQIAPN+. Esses discursos são sustentados por estruturas que legitimam padrões de normalidade e marginalização de sujeitos. A partir das contribuições de Quinalha (2023), foi possível compreender que o processo de afirmação dos sujeitos LGBTQIAPN+ é contínuo e permeado por riscos e violências, o que demonstra a necessidade de refletir sobre os espaços de trabalho como lugares que ainda exigem conformidade a padrões heteronormativos.

Ao analisar as relações de poder e vontades de verdade, percebemos que o mercado de trabalho reproduz normas que regulam o gênero e a sexualidade, definindo quais corpos são considerados aptos ou desviantes. Nesse sentido, a performance de masculinidade ou feminilidade esperada socialmente atua como critério de seleção e exclusão. Dessa forma, a análise demonstrou que as dificuldades enfrentadas por sujeitos LGBTQIAPN+ para ingressar e permanecer no mercado de trabalho não se restringem à ausência de políticas de inclusão, mas se relacionam à persistência de discursos que reforçam a marginalização e o silenciamento.

No que se refere às relações de poder e às vontades de verdade, observouse que o mercado de trabalho reproduz expectativas de gênero e sexualidade que funcionam como critérios de seleção e permanência. A exigência de adequação estética, a vigilância sobre os corpos e o silenciamento são formas de poder disciplinar que regulam comportamentos e moldam trajetórias profissionais. Além disso, constatou-se que o preconceito social atua de maneira capilar, manifestandose em práticas sutis e cotidianas que inviabilizam a contratação de sujeitos LGBTQIAPN+. Mesmo diante de avanços legais, como o reconhecimento da LGBTfobia como crime, os discursos discriminatórios continuam operando nos ambientes laborais, reforçando desigualdades e exclusões.

Portanto, é fundamental compreender o espaço de trabalho como um território discursivo em disputa, onde se manifestam tanto forças de exclusão quanto práticas de resistência. Desse modo, a efetivação de uma inclusão real exige não apenas o reconhecimento da diversidade. Diante disso, é possível afirmar que os discursos analisados não apenas refletem a exclusão, mas também a produz e a legitima, reivindicando espaços de fala, acolhimento e transformação.

Portanto, a inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho exige não apenas políticas públicas e ações afirmativas, mas também a desconstrução

dos discursos que sustentam a marginalização e naturalizam a violência. Diante disso, esta pesquisa reafirma a importância de desconstruir os discursos que naturalizam as desigualdades, buscando respeito e pluralidade das existências de sujeitos LGBTQIAPN+, pois somente por meio da ruptura com os padrões excludentes e a construção de ambientes laborais verdadeiramente inclusivos será possível garantir o direito à dignidade e liberdade para todos os sujeitos.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, John. **O livro história LGBTQIAPN+**. Tradução: Ana Rodrigues. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros 2024.

BRASIL. Decreto-Lei nº 7.716/89, de 13 de junho de 2019. **Código Penal**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** (1926-1984). Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: **a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** (1979). Organização e Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve História do século XIX aos nossos dias. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2023.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Objetiva, 2018.

Desafios da comunidade LGBTQIA+ no mercado de trabalho. São Paulo: [Nº 445], 12 nov. 2020. 1 vídeo (40:18 min). Live. Publicado pelo Canal do CIEE. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/45JSzdSMbsU?si=o4hCq66vGSuxdBHM>
Acesso em: 07 out. 2025. Participação do Assistente social Rafael Fernandes e mediação da Assistente social e Profª. Fernanda Picinin (UNISA).